

A
REVOLUÇÃO
DOS
BICHOS

- GEORGE
ORWELL

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS - George Orwell

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação
(CIP)3

*M543 Biblioteca do Mundo, 1999 – A Revolução do
 Bichos*

São Vicente, Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 2019 140 p ;21 cm

ISBN- 9781696783903 Edição 3º

1. A Revolução dos Bichos 2. George Orwell

3. Socialismo 4. Comunismo 5. Novela

CDD 828

CDU 82-3

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL
-CGC 66.504.093/0001-08

A HISTÓRIA DO LIVRO

Antes de falarmos do livro, entretanto, é importante conhecer a história de seu escritor, e as intenções que ele tinha ao escrevê-lo.

Eric Arthur Blair (verdadeiro nome de Orwell) nasceu na Índia em 1903, filho de um administrador colonial inglês de classe média. Na juventude estudou em Eton, uma das mais famosas *Public Schools* da Inglaterra – que, na verdade, apesar do nome, se tratava de um caro e seletivo internato de ensino secundário que praticamente só admitia membros da rica aristocracia inglesa (Orwell só foi aceito graças a uma bolsa de estudos). Depois de se formar, alistou-se na Polícia Imperial da Índia, na Birmânia, onde serviu por cinco anos. De volta à Inglaterra, em 1927, decidiu que queria ser escritor, mas passou alguns anos na miséria até conseguir viver com o que ganhava de seus escritos. Casou-se em 1936 e partiu com a esposa para a Espanha, onde lutou junto a milícias na Guerra Civil Espanhola até 1937, quando os comunistas assumiram o controle do governo espanhol e ele e sua mulher tiveram

que fugir dali para não serem mortos, numa caçada aos trotskistas que acontecia em paralelo com os grandes expurgos na URSS. Segundo ele, sua experiência na Espanha lhe ensinou uma lição valiosa: a de “como é fácil para a propaganda totalitária controlar a opinião de pessoas educadas em países democráticos”.

REPORT THIS AD

George Orwell nunca teve opiniões políticas claramente definidas, mas era pró-socialista, “mais por desgosto com a maneira como os setores mais pobres dos trabalhadores industriais eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada”. Dessa forma, ficou chocado ao ver que a URSS não apresentava indícios de estar avançando na direção de algo que se pudesse chamar de socialismo, mas sim se transformando numa sociedade hierarquizada e totalitária, concluindo que nada contribuiria tanto para a corrupção da ideia original de socialismo quanto a crença de que a Rússia fosse de fato um país socialista.

Assim, ao voltar da Espanha, Orwell decidiu denunciar o mito soviético (que ele via como uma influência negativa sobre o movimento socialista ocidental) através de uma história descomplicada e fácil de compreender por qualquer pessoa. Surgiu daí a ideia para A Revolução dos Bichos.

A novela satírica, que faz uma analogia propositalmente nada sutil à Rússia stalinista, utiliza da figura de animais para retratar as fraquezas, a corrupção e a luta de classes humanas. Nela, após se verem cansados das explorações que sofrem nas mãos dos humanos, os animais da Granja do Solar rebelam-se contra seus donos e tomam posse da fazenda, com o intuito de instalar uma sociedade igualitária e próspera, com base nos ensinamentos do finado Major. Contudo, logo os animais mais inteligentes, os porcos, passam a usufruir de privilégios, iniciando aos poucos uma ditadura pior que aquela existente sob o domínio dos humanos.

Assim, a sociedade é antropomorfizada, com os cavalos representando o proletariado, as galinhas, vacas

e ovelhas representando a classe média, o corvo representando a igreja. Temos, então, um perfeito paralelo com a Revolução Russa e sua excomunhão dos dissidentes, distorção da história, execuções e afins, encabeçadas pelo tirano porco Napoleão e seu rival Bola-de-Neve, numa clara analogia à Stálin e Trotski, respectivamente.

Quando terminou de escrever o livro, em 1943, Orwell viu-se tendo uma dificuldade imensa de conseguir uma editora para publicá-lo. Motivo: Com a Segunda Guerra no auge e a Rússia sendo uma grande aliada da Inglaterra na luta contra o nazifascismo, a publicação de um livro que retratava fatos ocorridos na Rússia, e pior, com porcos correspondendo a dois de seus ditadores, foi vista como algo inconveniente e ofensivo.

Essa lealdade acrítica à URSS por parte do Ministério da Informação britânico perturbou Orwell bastante. Nos Estados Unidos o livro foi rejeitado duas vezes, conseguindo enfim ser publicado apenas por pequenas editoras em tiragens limitadas em Londres e

Nova York. Edições do livro encontradas por autoridades de ocupação americanas na Alemanha foram queimadas, por se temer que sua distribuição pudesse ofender as contrapartidas do Exército Vermelho e causar embaraços a Stálin.

As coisas, entretanto, mudam ironicamente de figura após o fim da Segunda Guerra, já que com o crescimento dos conflitos entre Estados Unidos e União Soviética na Guerra Fria, a Agência Central de Inteligência americana passou a ajudar a patrocinar a ampla distribuição da Revolução dos Bichos em vários países do mundo como uma mensagem anticomunista.

Mas claro que, além das sátiras e analogias, a obra se trata de uma narrativa muitíssimo bem contada, de forma que não se precisa de nenhum conhecimento do contexto histórico-político da história para apreciá-la. Acima de tudo ela é uma reflexão sobre o caráter humano e a forma como o poder o molda. Uma fábula de vocabulário simples e questionamentos maduros.

Hoje em dia o livro continua proibido na China e, como é de se esperar, nem sequer é conhecido na Coreia do Norte, nação que vive uma ditadura totalitarista tal qual a que Orwell abominava. (1)

INTRODUÇÃO

A fábula distópica de George Orwell, autor de 1984, é uma aula sobre o início do século 20. Em 17 de agosto de 1945 a obra A Revolução dos Bichos ("Animal Farm") era publicada na Inglaterra. Na fábula distópica de George Orwell, autor do também clássico 1984, um grupo de animais revolucionários toma o poder dos donos humanos de uma fazenda e organiza um regime igualitário e justo no local. O equilíbrio é ameaçado, porém, por uma dupla de porcos totalitários.

O livro é uma sátira ácida das práticas do ditador Joseph Stálin e da própria história da União Soviética, feito por um socialista democrático crítico ao que o regime instituído pela Revolução Russa se tornara. E está, claro, repleto de lições sobre o que foi o mundo no meio século 20. Essas são algumas delas.

Que a tradução de um título pode ser um spoiler

Em inglês, o título da fábula ácida de Orwell é mais simples: "Animal Farm", que em tradução literal é algo como "fazenda dos animais". Ou seja, não diz nada sobre o fato de que os animais da fazenda em questão organizariam uma revolução.

Em Portugal, os tradutores também não foram menos cruéis que aquele amigo dos comentários de uma matéria sobre Stranger Things. Houve a versão "A Quinta dos Animais", idêntica ao inglês – "quinta" é fazenda em português de Portugal –, mas também houve o comprometedor "O Triunfo dos Porcos".

É difícil discordar do apelo das versões lusófonas. Afinal, entre as incontáveis opções de uma livraria, você escolheria uma menção discreta ao fato de que há animais em uma fazenda ou uma promessa de guerra civil no chiqueiro? Pois é. O título pouco revelador da edição original, porém, não impediu que ele se tornasse um hit literário do pós-guerra, cujas vendas continuam aumentando até hoje.

Que alianças diplomáticas e militares não se baseiam em ideais, mas em interesses

Orwell foi combatente na Guerra Civil Espanhola, espécie de "ensaio" para a Segunda Guerra Mundial que foi coberto também pelo então repórter Ernest Hemingway. Lá, conheceu de perto o horror propagado pelo exército soviético de Stálin – e percebeu que o sanguinário regime totalitário não tinha nada a ver com o socialismo democrático em que acreditava.

Orwell, que na época trabalhava no grupo de mídia BBC, pediu demissão, e escreveu o livro motivado a revelar, de maneira velada e alegórica, o real caráter do regime stalinista.

Não foram só leitores comuns que aprenderam muito com A Revolução dos Bichos.

O grupo punk The Clash usou uma imagem de uma animação inspirada no livro de Orwell como capa do single "English Civil War", lançado em 1979, e em uma menção mais discreta, o Radiohead cita a obra em um dos versos da canção "Optimistic".

Que na guerra a liberdade de expressão é muito relativa.

Orwell afirmaria posteriormente, em um artigo escrito na revista Partisan Review, que “agora é impossível imprimir qualquer coisa que se oponha demais à Rússia. Livros contrários à Rússia aparecem por aí, mas a maioria é de editoras católicas e tem um ponto de vista religioso e reacionário.”

Que força física sem consciência política não significa nada

Orwell teve a ideia para sua fábula distópica após se dar conta de que o ser humano é capaz de domar e comandar animais pelo fato de que eles, apesar de mais fortes, não têm consciência de que estão sendo

dominados, e que esta é a relação dos revolucionários de Esquerda.

Ou seja, se serviu do próprio princípio da fábula, a inversão entre o papel humano e o animal, como paralelo para mostrar que a revolução russa somente serviu para colocar os porcos no poder.

CAPÍTULO I

O Sr. Jones, proprietário da Granja do Solar, fechou o galinheiro à noite, mas estava bêbado demais para lembrar-se de fechar também as vigias. Com o fecho de luz da sua lanterna balançando de um lado para o outro, atravessou cambaleante o pátio, tirou as botas na porta dos fundos, tomou um último copo de cerveja do barril que havia na copa, e foi para a cama, onde sua mulher já ressonava.

Tão logo apagou-se a luz do quarto, houve um grande alvoroço em todos os galpões da granja. Correram durante o dia, o boato de que o velho Major, um porco que já se sagrara grande campeão numa exposição, tivera um sonho muito estranho noite anterior e desejava contá-lo aos outros animais.

Haviam combinado encontrar-se no celeiro, assim que Jones se retirasse. O velho Major (chamavam-no assim, muito embora ele houvesse comparecido a exposição com o nome de "Beleza de Willingdon") gozava de tão alto conceito na granja, que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono só para ouvi-lo.



Ao fundo do grande celeiro, sobre uma espécie de estrado, estava o Major refestelado em sua cama de palha, sob um lampião que pendia de uma viga. Com doze anos de idade, já bastante corpulento, era ainda um porco de porte majestoso, com um ar sábio e benevolente, a despeito de suas presas jamais terem sido cortadas. Os outros animais chegavam e punham-se a cômodo, cada qual a seu modo. Os primeiros foram os três cachorros, Ferrabrás, Lulu e Cata-vento, depois os porcos, que se sentaram sobre a palha, em frente ao estrado. As galinhas empoleiraram-se nas janelas, as pombas voaram para os caibros do telhado, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e ali ficaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Sansão e Quitéria, chegaram juntos, andando lentamente e pousando no chão os enormes cascos peludos, com grande cuidado para não machucar qualquer animalzinho porventura oculto na palha. Quitéria era uma água volumosa, matronal já chegada à meia-idade, cuja silhueta não mais se recompusera após o nascimento do quarto potrinho. Sansão era um bicho enorme, de quase um metro e

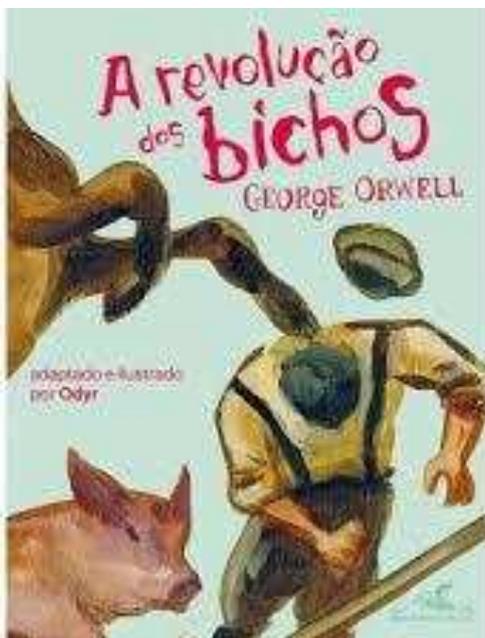
noventa de altura, forte como dois cavalos. A mancha branca do focinho dava-lhe um certo ar de estupidez e, realmente, não tinha lá uma inteligência de primeira ordem, embora fosse grandemente respeitado pela retidão de caráter e pela tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos chegaram Maricota, a cabra branca, e Benjamim, o burro. Benjamin era o animal mais idoso da fazenda, e o mais moderado. Raras vezes falava e, normalmente, quando o fazia, era para emitir uma observação cínica - para dizer, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas e que, no entanto, seria mais do seu agrado não ter nem a cauda nem as moscas. Era o único dos animais que nunca ria. Quando lhe perguntavam por que, respondia não ver motivo para riso. Não obstante, sem que o admitisse abertamente, tinha certa afeição por Sansão; normalmente passavam os domingos juntos no pequeno poteiro existente atrás do pomar, pastando lado a lado em silêncio.



Mal se haviam acomodado os dois cavalos quando uma ninhada de patinhos órfãos desfilou celeiro adentro, piando baixinho e procurando um lugar onde não fossem pisoteados. Quitéria protegeu-os com a pata

dianteira e os patinhos ali se aconchegaram, caindo no sono. No último instante, Mimosa, a égua branca, vaidosa e fútil, que puxava a aranha do Sr. Jones, entrou, requebrando-se graciosamente e chupando um torrão de açúcar. Tomou um lugar bem a frente e ficou meneando a sua crina branca, na esperança de chamar atenção para as fitas vermelhas que a adornavam. Finalmente, chegou o gato, que procurou, como sempre, o lugar mais morno, enfiando-se entre Sansão e Quitéria; ressonou satisfeito durante toda a fala do Major, sem ouvir uma só palavra.

Todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia fora, num poleiro junto à porta dos fundos. Quando o Major os viu bem acomodados e aguardando atentamente, limpou a garganta e começou:



- "Camaradas, já ouvistes, por certo, algo a respeito do estranho sonho que tive a noite passada. Entretanto, falarei do sonho mais tarde. Antes, as coisas a dizer. Sei, camaradas, que não estarei convosco por

muito tempo e antes de morrer considero uma obrigação transmitir-vos o que tenho aprendido sobre o mundo. Já vivi bastante e muito tenho refletido na solidão da minha pocilga. Creio poder afirmar que compreendo a natureza da vida sobre esta terra, tão bem quanto qualquer outro animal. É sobre isso que desejo falar-vos.

"Então, camaradas, qual é a natureza da nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e os que podem trabalhar são forçados a fazê-lo até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade. Nenhum animal, na Inglaterra, sabe o que é felicidade ou lazer, após completar um ano de vida. Nenhum animal, na Inglaterra, é livre. A vida de um animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua.

"Será isso, apenas, a ordem natural das coisas? Será esta nossa terra tão pobre que não ofereça condições de vida decente aos seus habitantes? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, ela pode oferecer alimentos em abundância a um número de animais muitíssimo maior do que o existente. Só esta nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos, umas vinte vacas centenas de ovelhas - vivendo todos num com uma dignidade que, agora, estão além de nossa imaginação. Por que, então, permanecemos nesta miséria? Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos os

nossos problemas. Resume-se em uma só palavra - Homem. O homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem, e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre.



"O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o suficiente para alcançar uma lebre. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Põe-nos a trabalhar, dá-nos de volta o mínimo para evitar a inanição e fica com o restante. Nosso trabalho amanha o solo, nosso estrume o fertiliza e, no entanto, nenhum de nós possui mais do que a própria pele. As vacas, que aqui vejo à minha frente, quantos litros de leite terão produzido este ano? E que aconteceu a esse leite, que deveria estar alimentando robustos bezerrinhos? Desceu pela garganta dos nossos inimigos. E as galinhas, quanto ovos puseram este ano, e quantos se transformaram em pintinhos? Os

restantes foram para o mercado, fazer dinheiro para Jones e seus homens. E você, Quitéria, diga-me onde estão os quatro potrinhos que deveriam ser o apoio e o prazer da sua velhice?

Foram vendidos com a idade de um ano - nunca você tornará a vê-los. Como paga pelos seus quatro partos e por todo o seu trabalho no campo, que recebeu você, além de ração e baia?

"Mesmo miserável como é, nossa vida não chega ao fim de modo natural. Não me queixo por mim que tive até muita sorte. Estou com doze anos e sou pai de mais de quatrocentos porcos. Isto é a vida normal de um varrão. Mas, no fim, nenhum animal escapa ao cutelo. Vós, jovens leitões que estais sentados a minha frente, não escapareis de guinchar no cepo dentro de um ano. Todos chegaremos a esse horror, as vacas, os porcos, as galinhas, as ovelhas, todos. Nem mesmo os cavalos e os cachorros escapam a esse destino. Você, Sansão, no dia em que seus músculos fortes perderem a rigidez, Jones o mandará para o carniceiro e você será degolado e fervido para os cães de caça. Quanto aos cachorros, depois de velhos e desdentados, Jones amarra-lhes uma pedra ao pescoço e joga-os na primeira lagoa.

"Não está, pois, claro como água, camaradas, que todos os males da nossa existência têm origem na tirania dos seres humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja somente nosso. Praticamente, da noite para o dia, poderíamos nos tornar ricos e livres. Que fazer, ? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada

do gênero humano. Esta é a mensagem eu vos trago, camaradas: Revolução! Não sei quando sairá esta Revolução, pode ser daqui a uma semana, ou daqui a um século, mas uma coisa eu sei, tão certo quanto o ter eu palha sob meus pés: mais cedo ou mais tarde, justiça será feita. Fixai camaradas isso, para o resto de vossas curtas vidas! E, sobretudo, transmiti esta minha mensagem aos que virão depois de vós, para que as futuras gerações prossigam na luta, até a vitória.

"E lembrai-vos, camaradas, jamais deixai fraquejar vossa decisão. Nenhum argumento poderá deter- vos. Fechai os ouvidos quando vos disserem que o Homem e os animais têm interesses comuns, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O Homem não busca interesses que não os dele próprio. Que haja entre nós, uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos, todos os animais são camaradas."

Nesse momento houve uma tremenda confusão. Enquanto o Major falava, quatro ratos haviam emergido de seus buracos e estavam sentados nas patinhas de trás, a ouvi-lo. De repente, os cachorros lhes deram, pela presença, e somente devido à rapidez com que sumiram nos buracos foi que os ratos conseguiram escapar com vida. O Major levantou a pata, pedindo silêncio.

- "Camaradas - disse ele -, eis aí um ponto que precisa ser esclarecido. As criaturas selvagens, tais como os ratos e os coelhos, serão nossos amigos ou nossos inimigos? Coloquemos o assunto em votação.